

**EDITORA PAULUS,
LIVROS QUE APONTAM CAMINHOS**

O QUE SERÁ DOS CRISTÃOS DO NOVO MILÊNIO?

LEIA

**CRISTÃOS RUMO AO SÉCULO XXI - nova caminhada de libertação
de José Comblin**

A Igreja mudou. Estamos numa nova fase da história social da América Latina. O que parecia óbvio há 30 anos tornou-se incompreensível hoje em dia. Antes falava-se em secularização, história, encarnação. Agora, predomina o espiritualismo. Passou-se do racionalismo para o irracionalismo. O que tudo isso quer dizer? Quais são os sinais dos novos tempos? A libertação torna-se, ao mesmo tempo, mais urgente e mais remota. A Igreja está a serviço do mundo e não pode sair dele. Então, a libertação continua desafiando-a, hoje, mais do que nunca.

O livro de José Comblin, **Cristão rumo ao século XXI - nova caminhada de libertação** (373 páginas), que acaba de sair pela **Paulus Editora**, destina-se a um público amplo, interessado em se aprofundar não só na conjuntura mundial como na conjuntura eclesial.

José Comblin nasceu em Bruxelas, Bélgica. Doutorou-se em Teologia pela Universidade de Lovaina. Trabalha na América Latina desde 1958. Reside há vários anos em Serra Redonda - Paraíba, onde dirige o Centro de Formação Missionária. José Comblin é autor de vasta bibliografia: Curso básico para animadores de Cebs, Teologia da cidade, A novidade de Jesus, entre outros. Todos publicados pela **Paulus Editora**.

O preço do livro é de R\$ 19,90. **Cristãos rumo ao século XXI - Nova caminhada de libertação** já se encontra à venda nas **Paulus Livrarias**, bem como nas principais livrarias do país. Pedidos também podem ser feitos pelo telefone (011) 571-9416.

**O MANANCIAL DA ESPERANÇA O ESTUDO E O
ANÚNCIO DA BOA NOVA**

Frei Thimoty Radcliffe, O.P.

Quando São Domingos percorria o sul da França, com sua vida em perigo, costumava cantar alegremente: "*Estava sempre alegre e feliz, exceto quando era movido de compaixão*"¹. E esta alegria de São Domingos é inseparável de nossa vocação de pregadores da Boa Nova. Somos chamados a "*prestar contas de nossa esperança*" (1Pd 3,15). Hoje em dia, num mundo crucificado pelo sofrimento, pela violência e pela pobreza, nossa vocação é mais árdua e mais difícil do que nunca. Existe uma crise de esperança no mundo todo. Como devemos viver a alegria de Domingos sendo homens de nosso tempo e compartilhando das crises de nosso povo e da força e debilidade de nossa cultura. Como alimentar uma esperança profunda, fundados na promessa inquebrantável de Deus que oferece vida e felicidade para seus filhos? Nesta carta à Ordem vou expor minha convicção de que uma vida de estudo é uma das maneiras de progredir neste amor que "*tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo tolera*" (1Cor 13,7).

Chegou a hora de renovar nossos amores entre a Ordem e o estudo. Já está começando a se tornar realidade. Vejo abrir-se em todo o mundo novos centros de estudo e reflexão teológica, em Kiev, Ibadan, São Paulo, Santo Domingo, Varsóvia, para citar apenas alguns. Estes centros não deveriam oferecer apenas uma formação intelectual. O estudo é o caminho rumo à santidade, que abre nossas mentes e nossos corações para com os demais, que cria comunidade e forma os que proclamam cheios de confiança a vida do Reino.

A ANUNCIAÇÃO

O estudo é em si mesmo um ato de esperança, já que exprime nossa confiança de que nossa vida e os sofrimentos de nossos povos têm uma significação. E este significado é como um dom, como uma palavra de esperança que promete vida. Há um momento na história da nossa redenção que resume com grande força o que significa receber este dom da Boa

1. Cecília, *Miracula B. Dominici*, 15 *Archivium Fratrum Praedicatorum* XXXVII Roma 1967, p. 5ss

Nova: a Anunciação a Maria. Esse encontro, essa conversa são um símbolo eloqüente do que significa ser estudante. Usarei este símbolo para guiar nossa reflexão quanto à maneira como o estudo funda nossa esperança.

1. Antes de mais nada, trata-se de um momento de atenção. Maria escuta a boa nova que lhe é anunciada. Eis aí o início de todo o nosso estudo, a atenção à palavra de esperança proclamada nas Escrituras: "*Oralmente e por carta, frei Domingos exortava os irmãos ao estudo constante no Novo e do Antigo Testamento*"². Aprendemos a escutar o Senhor que diz: "*Entoa alegre canto, ó estéril, que não deste à luz: ergue gritos de alegria, exulta, tu que não sentiste as dores de parto*" (Is 54,1). Será que nossos estudos nos oferecem a dura disciplina de aprender a escutar a Boa Nova?

2. Em seguida foi um momento de fertilidade. Eis-la tal qual a pintou *Fra Angelico*: o livro nos joelhos, atenta, esperando, escutando. E o fruto de sua atenção é a criança que carrega em suas entranhas, o Verbo que se fez carne. Sua escuta libera toda sua força de criação, sua fertilidade de mulher. Nosso estudo, a atenção à Palavra de Deus, deve liberar as fontes de nossa fertilidade, levar-nos a dar à

luz o Cristo em nosso mundo, No coração de um mundo que muitas vezes parece condenado e estéril, damos à luz ao Cristo num milagre de criação. Cada vez que a Palavra de Deus é escutada, ela não fala apenas de esperança, mas é uma esperança que assume carne e sangue em nossas vidas e em nossas palavras. Congar gostava de citar a famosa frase de Peguy: "*Não o verdadeiro, mas o real... isto é, o verdadeiro com a historicidade, com seu estado concreto no futuro, no tempo*". Este é o verdadeiro teste de nosso estudo: será que fazem o Cristo nascer de novo? Serão nossos estudos momentos de verdadeira criação, de Incarnação? Nossos centros de estudo deveriam ser como que maternidades!

3. Enfim, numa época em que o povo de Deus parece abandonado e sem esperança, Deus dá a seu povo um futuro, um caminho rumo ao Reino. A Anunciação transforma a maneira graças à qual o povo de Deus pôde compreender sua história. Ao invés de conduzir à servidão e ao desespero, abre-lhe um caminho rumo ao Reino. Será que nossos estudos preparam para a vinda de Cristo? Será que transformam nossa percepção da história da humanidade, de maneira a

levar-nos a compreendê-la não do ponto de vista do vencedor, mas do pequeno, do oprimido que Deus não esqueceu e que Ele vingará?

APRENDER A ESCUTAR

Ele entrou e disse: "Alegra-te, cheia de graça, o Senhor está contigo!" Ao ouvir as palavras, ela se perturbou e refletia no que poderia significar a saudação" (Lc 1,29-30).

Maria escuta as palavras do anjo, a boa nova de nossa salvação. Aí começa todo e qualquer estudo. Estudar não é aprender como ser inteligente, mas como escutar. Simone Weil escrevia a um dominicano francês, frei Perrin, que "*a formação da faculdade de atenção é finalidade verdadeira e quase o único interesse do estudo*"³. Esta receptividade, esta abertura do ouvido que se destaca em qualquer estudo, afinal de contas está profundamente ligada à oração. As duas exigem que sejamos silenciosos e esperemos que a Palavra de Deus venha a nós. Ambas nos pedem um vazio, a fim de esperar do Senhor o que nos dará, Pensem no quadro de *Fra Angelico*: Domingos, sentado ao pé da cruz, lendo. Está ele estudando ou rezando? Será que vale a pena colocar a questão? O verdadeiro

estudo nos faz mendicantes. Somos levados à impressionante descoberta de que não sabemos o que esse texto significa, que nos tornamos ignorantes e dependentes, e então ficamos na expectativa, num estado de receptividade inteligente, do que nos será dado.

Para Lagrange, a Escola Bíblica era um centro de estudos da Escritura justamente porque era um casa de oração. O ritmo de vida da comunidade era "*um vai e vem entre o oratório e o laboratório*". Ele escrevia: "*Gosto de ouvir o Evangelho cantado pelo diácono no ambão, em meio às nuvens do incenso: as palavras penetram em minha alma mais profundamente do que quando as encontro numa discussão de revista*"⁴. Nossos mosteiros devem exercer uma função importante na vida de estudo da Ordem, como oásis de paz e lugares de atenta reflexão. Os estudo em nossos mosteiros pertencem à ascese da vida monástica dominicana. Não pode ser deixado apenas para irmãos. Cada monja tem direito a uma boa formação intelectual como parte integrante de sua vida religiosa. Como o dizem as Constituições das monjas: "*Elemento característico da observância da Ordem, que o bem-aventurado pai recomendou de algum*

2. Processo de canonização, nº 29

3. Simone Weil, *Attente de Dieu*, Paris 1950, p. 71.

4. B. Montagnes, *Le Père Lagrange*, Paris, p. 57.

modo às primeiras irmãs, o estudo alimenta a contemplação; além do mais, ele afasta os obstáculos provenientes da ignorância e (forma) o julgamento prático” (LMO 100, II).

Maria escutou a promessa do anjo e deu à luz o Verbo de Vida. O que parece tão simples. Que necessidade temos a não ser de nos abirmos à Palavra de Deus dita nas Escrituras? De onde vem a necessidade de tantos anos de estudos para formar pregadores da Boa Nova? Por que temos de estudar filosofia, ler grossos e difíceis livros de teologia quando temos a própria Palavra de Deus? Não é coisa simples, então “prestar contas da esperança que esta em nós?” Deus é amor e o amor vence a morte. O que há a dizer a não ser isso? Será que traímos esta simplicidade pelas nossas discussões complexas? Na verdade, as coisas não se apresentavam tão simples assim para Maria. “Ao ouvir as palavras, ela se perturbou e refletia no que poderia significar a saudação”. Escutar começa quando ousamos nos deixar surpreender, incomodar. A história prossegue em seguida por sua questão ao mensageiro: “Como poderá ser, pois não conheço homem?”

5. Thomas de Chantrimpé.

6. Cornelius Ernst, *Multiple Echo*, ed. Fergus Kerr O.P. e Timothy Redcliffe O.P., Londres 1979, p. 1.

7. Dante, *Inferno*, canto I, 40.

a) a confiança no estudo

Conta-se que Santo Alberto Magno se encontrava um dia em sua cela estudando. Apareceu-lhe então o demônio sob a aparência de um de seus irmãos e tentou persuadi-lo de que perdia seu tempo e sua energia estudando as ciências profanas. Era prejudicial para a sua saúde. Alberto fez apenas o sinal da cruz e a aparição desapareceu⁵. Ai de mim! Os frades nem sempre são tão fáceis de se convencer. Todas as disciplinas - literatura, poesia, história, filosofia, psicologia, sociologia, física etc. - que buscam dar um sentido a nosso mundo são nossas aliadas em nossa busca de Deus. “Deve ser possível encontrar Deus na complexidade da experiência humana”⁶. Nosso mundo, por conta de todos os seus sofrimentos e suas dores, é, no final das contas, o fruto “deste amor divino que antes de mais nada deu a vida a todas as belas coisas”⁷. A esperança que nos torna pregadores da Boa Nova não é um vago otimismo, um bom amor cordial, como um assobio nas trevas. É a crença de que no final, podemos descobrir uma significação para nossas

vidas, uma significação que não é imposta, que aí se encontra e que conta ser descoberta.

Em razão disso, o estudo deveria ser antes de tudo um prazer, a pura delícia de descobrir que, sem dúvida, apesar de todas as demonstrações em contrário, as coisas possuem verdadeiramente um sentido, quer se trate de nossas vidas, da história da humanidade ou desta passagem partindo das Escrituras com a qual nos debatemos a manhã toda. Nossos centros de estudos são escolas de alegria porque estão fundadas na crença de que é possível alcançar uma certa compreensão de nosso mundo e de nossas vidas. A história da humanidade não é o eterno conflito insensato do “Parque Jurássico”, a sobrevivência dos mais adaptados. A criação em que vivemos e de que fazemos parte não é o resultado de um acaso, mas o trabalho de Cristo: “Tudo foi criado por ele e para ele. Ele é antes de tudo e tudo subsiste nele” (Col 1,16). A sabedoria dança aos pés de Deus na criação do mundo, e o fim de tudo e de qualquer estudo consiste em partilhar seu prazer.

Simone Weil, em abril de 1942, enviava o seguinte texto ao frei Perrin: “A inteligência não pode ser conduzida a não ser pelo desejo. Para que haja desejo, é pre-

ciso que haja prazer e alegria... A alegria de aprender é tão indispensável para os estudos quanto a respiração para os corredores”⁸. As Constituições falam de nossa *propensio* (LCO 77) para a verdade, uma inclinação natural do coração humano. Estudar deveria se apresentar como uma simples parte de nossa alegria de sermos plenamente viventes. A verdade e o ar que por natureza respiramos.

Esplêndida idéia, mas temos de admitir logo em seguida que se encontra muito distante da experiência de muitos dentre nós! Para alguns dominicanos, frades e irmãs, os anos de estudo não foram um tempo de aprendizagem da esperança, mas de desespero. Vi muitas vezes estudantes se debatendo com livros que parecem áridos e distantes de sua própria experiência, esperando com impaciência que tudo termine para poder-se lançar na pregação, jurando nunca mais abrir um livro de teologia quando tiverem “escapado” do *studium*. Pior ainda do que a aridez, para alguns é uma humilhação se encarniçar em vão nos verbos hebraicos sem nunca chegar a compreender a diferença entre os arianos e os apolinaristas e acabando vencidos pela filosofia alemã!

Por que o estudo é tão difícil para tantos dentre nós? Em parte porque estamos marcados por uma

8. Simone Weil, op. cit., p. 118.

cultura que não acredita mais ser o estudo uma atividade que vale a pena, uma cultura que duvida que o debate possa nos conduzir à verdade à que aspiramos. Se nosso século está tão marcado pela violência, e certamente em grande parte porque perdeu a confiança em nossa capacidade de conseguir juntos a verdade. A violência é o único recurso numa cultura que não tem confiança nenhuma na busca comum da verdade. Dachau, Hiroshi-ma, Ruanda, Bósnia: são todos eles símbolos de colapso de uma fé na possibilidade de construir um lar comum da humanidade graças ao diálogo. Esta falta de confiança pode assumir duas formas, um relativismo que desespera de jamais atingir a verdade, e um fundamentalismo que afirma estar a verdade já inteiramente em nosso poder.

Diante deste desespero, o relativismo, proclamamos que se pode conhecer a verdade e que nos é, de fato, proposta como um dom. Como São Paulo, podemos dizer: "Recebi do Senhor o que lhes transmiti" (1 Cor 11,23). Estudar é um ato eucarístico. Abrimos nossas mãos para receber os dons da tradição, rica em conhecimento. A cultura ocidental está marcada por uma profunda suspeita a respeito de qualquer ensinamento, associado a um endoutrinamento e a um fanatismo. A única verdade que

vale é a que descobrimos para nos mesmos ou que se funda em seus próprios sentimentos. "Se sinto que é justo para mim, então tudo bem". Mas o ensino deve nos libertar das fronteiras estreitas de nossa experiência e de nossos preconceitos para abrir os vastos horizontes de uma verdade que ninguém consegue dominar. Eu me lembro, no meu tempo de estudante, da profunda emoção de descobrir que o Concílio de Caledônia não era o fim de nossa busca de compreensão do mistério de Cristo, mas um outro início, fazendo explodir todas as bonitas pequenas soluções coerentes nas quais havíamos tentado enquadrá-lo. A doutrina não deve doutrinar mas nos tornar livres para prosseguir nosso caminho.

Mas encontramos também a corrente crescente do fundamentalismo, que procede do medo profundo de pensar e que oferece "a falsa segurança de uma fé sem ambigüidades" (Oaklan n. 109). Dentro da Igreja este fundamentalismo se apresenta às vezes como uma repetição irrefletida de palavras recebidas, como uma recusa em tomar parte na busca contínua de uma compreensão, como uma intolerância para com todos aqueles que consideram a tradição não apenas como uma revelação mas também como um convite para aproximar-se mais ainda do mistério. Este fundamentalismo

pode se apresentar como uma fidelidade de rochedo à ortodoxia, mas contradiz um princípio fundamental da nossa fé, pois quando argüimos e raciocinamos honramos o nosso Criador e Redentor que nos dotou de inteligência para pensar e dele nos aproximarmos. Nunca conseguiremos fazer uma boa teologia se não tivermos a humildade e a coragem de prestar atenção e levar a sério os argumentos com os quais não concordamos. São Tomás escreveu: "Assim como ninguém poderia julgar uma questão sem escutar às vezes os dois lados, assim também aquele que se dedica à filosofia encontrar-se-á melhor situado para pronunciar um julgamento se escutar todos os argumentos dos dois lados"⁹. Temos que deixar de lado as certezas que afastam as verdades incômodas, considerar os dois lados do argumento, levantar questões que talvez nos assustem. São Tomás foi o homem das perguntas, que aprendeu a levar a sério todas as questões, por mais absurdas que o fossem à primeira vista.

Nossos centros de estudos são escolas de esperança. Quando nos reunimos para estudar, nossa comunidade é uma "santa pregação". Num mundo que perdeu a confiança no valor da razão, dão o

testemunho de que é possível buscar a verdade em comum. Pode tratar-se de um seminário na universidade sobre um caso de bioética ou de um grupo de agentes pastorais que estudam juntos a Bíblia na América Latina. Deveríamos confiar uns nos outros como colegas no diálogo e companheiros na aventura. A humilhação não tem cabimento no estudo se estamos dispostos a nos animar mutuamente durante a caminhada. Ninguém pode ensinar a não ser que entenda por experiência própria o pânico do estudante ao abrir um novo livro ou ao refletir sobre uma idéia nova. Por isso mesmo, não se trata do professor abarrotar a cabeça dos alunos com fatos, mas fortalecê-los em sua profunda inclinação humana para a verdade e acompanhá-los nessa busca. Temos de aprender a ver com nossos próprios olhos e ficar de pé por nossa conta. Quando Lagrange ensinava na Escola Bíblica costumava dizer a seus alunos: "Atenção, não devem dizer: o frei Lagrange disse isso ou aquilo porque vocês têm que conhecê-lo por vocês mesmos"¹⁰. Acima de tudo, o mestre deve dar ao estudante a coragem de errar, de correr o risco de se equivocar. Mestre Eckart dizia que "difícilmente encontramos alguém

9. *Metaph. III. lect. 3.*

10. Bernard Montagnes, *Le Père Lagrange*, Paris 1995, p. 54.

que haja alcançado um bom resultado que já não se tenha equivoocado uma vez ou outra". Nenhuma criança aprenderá jamais a caminhar se antes não tiver caído de bruços várias vezes. A criança que tiver medo será sempre um principiante.

b) destruir os ídolos

Ao princípio o estudo dos irmãos era essencialmente bíblico, como preparação para o trabalho pastoral, sobretudo para o sacramento da penitência. As primeiras obras teológicas da Ordem foram manuais para a confissão. Mas quando São Tomás ensinara em Santa Sabina a esses principiantes em teologia ele percebeu de que nossa pregação somente seria útil para a salvação das almas se os irmãos recebessem uma profunda formação filosófica e teológica. E isto por duas razões. Em primeiro lugar a mais simples questão requer freqüentemente pensamento mais profundo. Somos livres? Como podemos perguntar a Deus pelas coisas? Em segundo lugar porque, conforme a tradição bíblica, o obstáculo entre nós e um verdadeiro culto a Deus não é tanto o ateísmo quanto a idolatria. A humanidade tem tendência a cons-

truir falsos deuses e adorá-los. O êxodo dessa idolatria requer de nós uma árdua caminhada de nossa maneira de pensar e de viver. Não basta sentar-se e escutar a Palavra de Deus.

Devemos quebrar o peso dessas falsas imagens de Deus que nos mantêm cativos e obturam nossos ouvidos. Durante toda sua vida São Tomás se sentiu fascinado pela questão "quem é Deus?" Como disse Herbert McCabe, O.P., sua santidade está em que se deixou vencer pela questão. Esta ignorância radical ocupa um lugar central no ensinamento do Aquinate porque nos unimos a Deus "como a algo desconhecido"¹¹. Temos que livrar-nos da imagem de Deus como de alguém poderoso e invisível, que manipula os acontecimentos de nossa vida. Um tal Deus seria afinal um tirano e um rival da humanidade, contra a qual a única solução seria nos rebelarmos contra ele. Em lugar disto, devemos descobrir Deus como a fonte inefável de meu ser, o centro de minha liberdade. Temos que perder Deus para descobri-lo, como dizia Santo Agostinho, "mais perto de mim que eu mesmo"¹². Ensinar Teologia não significa, pois,

proporcionar informações mas acompanhar os estudantes quando enfrentam a perda de Deus, o desaparecimento da pessoa tão conhecida e amada, para descobri-lo como a fonte de tudo, que se nos deu a si mesmo em seu Filho. Então poderemos dizer de verdade: "Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados". Escreve McCabe: "Um dos prazeres especiais do ensino em nosso estudando consiste em constatar um momento em que, mais cedo ou mais tarde, chega a cada estudante o momento de sua conversão; poderíamos dizer, quando se dá conta de que... Deus é nada menos que a origem de todos meus atos livres e a razão pela qual são precisamente ações minhas"¹³.

A finalidade última da disciplina intelectual de nosso estudo consiste em levar-nos a esse momento de conversão, à destruição de nossas falsas imagens de Deus para podermos nos aproximar ao mistério. Mas não podemos nos contentar em pensar. A teologia dominicana começa quando São Domingos desceu de seu cavalo e optou por ser um pregador pobre. A pobreza intelectual de São Tomás diante do mistério de Deus é inseparável de sua opção por uma Ordem de Pregadores pobres. O teólogo deve ser um mendigo que sabe como rece-

ber os dons gratuitos de Deus.

Quanto a nós, escutar a Palavra nos pedirá livrar-nos das falsas ideologias de nosso tempo. Quais são nossos falsos deuses? Seguramente um deles é a idolatria do Estado, diante de cujo altar fora sacrificadas milhões de vidas inocentes durante este século; o culto do mercado e a ânsia de poder. Escrevi já suficientemente sobre os perigos do con-sumismo. Nosso mundo inteiro está seduzido por uma mitologia: tudo pode comprar-se e vender-se. Tudo se transformou em comodidades, tudo tem um preço. O mundo da natureza, a fertilidade da terra, a frágil ecologia dos bosques, tudo isto está à venda. Inclusive nos mesmos, filhas e filhos do Altíssimo, estamos posto à venda no mercado de trabalho. A revolução industrial foi testemunha da erradicação de comunidades inteiras, expulsas de sua terra e escravizadas nas novas cidades. A emigração massiva continua ainda em nossos dias. O exemplo mais pungente e escandaloso foi a escravidão de milhões de irmãos e irmãs nossos na África transformados em bens de mercado para importação e exportação. Como se escreveu no Capítulo de Caleruega: "Nem os homens, nem as mulheres podem ser tratados como mercadorias, nem podem

11. Suma Teológica, I,12, 13, ad Im. Cf Caleruega 32. Este texto provocou um dos debates mais apaixonados do Capítulo. Foi interessante ver os irmãos discutirem teologia!

12. Confissões, III, 6.

13. *God Matters* 1987, p.241.

considerar-se suas vidas e seu trabalho, sua cultura e suas potencialidades, para o florescimento da sociedade, como prendas negociáveis no jogo de benefícios e perdas" (20,5).

Nossos centros de estudo deveriam ser lugares onde nos livramos desta visão redentora do mundo e onde aprendemos de novo a maravilhar-nos agradecidos pelos bens gratuitos. Mediante o estudo, tentando compreender as coisas e compreender-nos uns aos outros, recobramos o sentido de admiração diante do milagre da criação. Escreve Simon Tugwell O.P.: *Quando vamos ao âmago das coisas, chegando até sua verdadeira existência com nossa inteligência, o que encontramos é o inescrutável mistério do ato criador de Deus... Em realidade, conhecer algo é encontrar-nos a nós mesmos submersos até a cabeça numa maravilha que supera a mera curiosidade*¹⁴. A verdade nos torna verdadeiramente livres. Esta libertação intelectual vai junto com a liberdade real da pobreza. Como Domingos e Tomás, temos de converter-nos em mendicantes que recebem os bens gratuitos de Deus. O voto de pobreza e a proximidade dos pobres é o contexto dominicano peculiar em que devemos estudar. A livrar-nos desta percep-

ção do mundo nos ajuda o fato de sermos uma Ordem verdadeiramente universal. Há muitas culturas que não têm uma visão da realidade baseada no domínio e no controle. Nossos irmãos e irmãs da África podem ajudar-nos a forjar uma teologia que se baseie mais nas relações mútuas e na harmonia. E as tradições religiosas da Ásia podem nos ser também úteis para uma teologia mais contemplativa. Temos que estar presentes nessas outras culturas, não só para inculturar o Evangelho ali, como também para que elas possam ajudar-nos a compreender o mistério da criação e de Deus, doador de todo bem.

O NASCIMENTO DA COMUNIDADE

O anjo lhe disse: "Não temas, Maria, porque achaste graça diante de Deus; vais conceber no seio e vais dar à luz um menino, a quem porás o nome de Jesus" (Lucas 1,30).

O objetivo de nosso estudo não consiste simplesmente em oferecer informação, mas fazer nascer o Cristo em nosso mundo. O teste de nosso estudo não consiste tanto em estarmos bem informados quanto em sermos férteis. Todo menino recém-nascido é uma sur-

presa, inclusive para seus pais. Não podem saber de antemão a quem trazem ao mundo. Da mesma maneira, nosso estudo deveria preparar-nos para as surpresas. Cristo vem a nos em cada geração de maneiras que nunca teríamos previsto e que só pouco a pouco poderemos reconhecer como autênticas; do mesmo modo a Igreja necessitou tempo para aceitar a nova e chocante teologia de São Tomás. Nas montanhas da Guatemala, em nosso centro de reflexão sobre a inculturação AK'KUTAN, em Coban, os irmãos e irmãs tentam ajudar a Ordem a nascer com as riquezas da cultura indígena. Em Takamori, atrás da montanha Fuji, nosso irmão Oshida tenta fazer nascer Cristo no mundo do Japão, e nossos irmãos Miguel Shirres trabalhou durante vinte anos na Nova Zelândia para fundir as férteis sementes da espiritualidade maori com a fé cristã. Pode-se fazer teologia de múltiplas maneiras e que não são acadêmicas. Na Croácia, um dos nossos irmãos dirige uma banda de música rock chamada "Mensageiros da Esperança". No Japão vi as maravilhosas pinturas de nossos irmãos Petit e Carpentier. Pode ser também o milagroso nascimento de uma comunidade num povoado do Haiti. Como pode nossa pregação fazer

nascer Cristo entre os drogados de Nova Iorque ou nos bairros periféricos de Londres? Como pode o Verbo fazer-se carne no vocabulário de hoje, tomar corpo na linguagem da filosofia e da psicologia, através de nossa oração e estudo? O estabelecimento de casas de estudos, de ótima qualidade teológica, deve ser uma prioridade na Ordem precisamente para esta encarnação da Palavra de Deus em cada cultura.

Quero dizer também que a vida de estudo constrói a comunidade e portanto prepara um lar para que Cristo viva entre nós. Não há experiência mais cruel de desespero do que a de uma solidão absoluta, a de uma pessoa humana introvertida, encerrada em si mesma. O fato de que nossa sociedade se veja tão freqüentemente tentada pelo desespero se deve possivelmente a que é essa a imagem dominante do ser humano em nosso mundo, o indivíduo solitário em busca de seus próprios desejos e de seu próprio bem privado. O individualismo radical de nosso tempo parece uma libertação mas pode submergir-nos numa solidão desesperadora. A comunidade nos oferece uma *"ecologia de esperança"*¹⁵. Somente juntos poderemos atrever-nos a esperar num mundo renovado.

14. *Reflexiones sobre las bienaventuranzas*, Londres, p. 100.

15. Jonathan Sachs, *Faith in the Future*, Londres 1995, p. 5.

O intelectual pode parecer como o exemplo perfeito do solitário, a sós com seus livros ou seu computador e com o letreiro "não incomode" em sua porta. É verdade que o estudo nos exige frequentemente estarmos sós e esforçar-nos por compreender questões abstratas. Não é um serviço que oferecemos a nossos irmãos e irmãs? O fruto deste trabalho solitário consiste em construir comunidade descobrindo os mistérios da Palavra de Deus. Mediante o estudo aprendemos a pertencer uns aos outros, e por isso, a esperar.

a) A transformação da mente e do coração

Até mesmo a imagem extrema de ser totalmente sozinho, como indivíduo isolado, é recusada. Porque a doutrina da criação nos mostra que nosso Criador está mais intimamente unido a nós mesmos que qualquer outro ser, já que é a fonte perene de nosso ser. Não podemos estar sós porque nunca poderíamos sequer existir sós!

Na cultura ocidental há uma obsessão pelo conhecimento de si mesmo. Mas como conhecer-me a mim mesmo fora do único que me mantém em meu ser? Santa Cata-

rina estava muito atual quando convidava seus irmãos a entrar na "cela do conhecimento de si mesmo"; mas este autoconhecimento era inseparável do conhecimento de Deus. "Não podemos ver nossa própria dignidade nem os defeitos que ensinam a formosura da nossa alma a não ser que nos olhemos a nós mesmos no sossegado oceano do ser de Deus à cuja imagem fomos criados"¹⁶. Inclusive podem ser transfigurados em momentos de encontro certos momentos de profundo desespero, da noite escura da alma, quando temos a impressão de estar totalmente abandonados. "Ó noite que juntaste o Amado com a Amada, a Amada no Amado transformada"¹⁷

O estudo não pode reduzir-se a um treinamento da mente; é a transformação do coração humano. "E vos darei um coração novo, infundirei em vós um espírito novo, tirarei de vossa carne o coração de pedra e vos darei um coração de carne" (Ez 36,26). O primeiro Capítulo Geral da Ordem, em Bolonha, disse que temos de ensinar aos noviços "a aplicar ao estudo, de modo que tanto de dia como de noite, em casa ou em viagem, leiam ou meditem algo; e na medida

do possível devem tentar aprendê-lo de cor"¹⁸. Sempre estamos formando nosso coração, tanto quando lemos periódicos ou novelas, como quando vemos filmes ou a televisão. Tudo o que lemos e vemos contribui para formar nosso coração. Será que lhe alimentos sadios? Será que o estamos formando na violência e trivialidade, dando-nos a nós mesmos um coração de pedra?

Santa Catarina de Sena disse de São Tomás que "com os olhos de sua mente contemplava minha Verdade com grande ternura e com isso alcançava a luz sobrenatural"¹⁹. O estudo nos ensina, pois, a ternura. São Tomás foi um grande teólogo precisamente porque tinha um coração bondoso. Frei Ives Congar escreveu uma vez que sua doença e paralisia progressivas significavam que estava dependendo cada vez mais de seus irmãos. Não podia fazer nada sem sua ajuda. E dizia: "Compreendi, sobretudo, desde que fiquei doente e necessito constantemente da ajuda dos meus irmãos... que tudo o que pregarmos e dissermos, por mais sublime que seja, nada vale se não for acompanhado pela prática, por ações reais e concretas de serviço

e de amor. Creio que me faltou um pouco isto em minha vida, fui um pouco demasiado intelectual"²⁰.

Quando Savonarola fala acerca do entendimento que tinha São Domingos das Escrituras, diz que se fundava na caridade. E como as Escrituras estão inspiradas pelo amor de Deus, somente a pessoa que ama pode compreendê-las: "E vós, irmãos, que quereis compreender as Escrituras e que quereis pregar: aprendei a caridade e ela vos ensinará. Tendo a caridade as compreenderéis"²¹.

A disciplina do estudo transforma o coração humano. "Por sua própria continuidade e dificuldade implica uma forma de ascese" (LCO 83) que corresponde a nosso progresso na santidade. Brindamos a árdua disciplina de permanecer em nossa cela em silêncio, tratando de entender, quando desejariamos evadir-nos. Uma das inovações da Ordem consistiu em oferecer aos que estavam especialmente dedicados ao estudo a solidão de uma cela individual, mas se trata de uma solidão que pode ser ascetismo. Quando estamos sós, trabalhando sobre um texto, pensaríamos em mil razões válidas para deixa-lo e ir-nos a con-

16. Carta 226, *Catherine os Siena, Passion for Truth, Compassion for Humanity*, ed. Mary O'Driscoll O.P., Nova Iorque 1993, p. 26.

17. São João da Cruz, *Canciones del Alma, Noche oscura*, 5.

18. Constituições primitivas, I,13.

19. Maury O'Driscoll O.P., *ibid.* p. 127.

20. Alocução do padre Congar em agradecimento à entrega do prêmio da Unidade cristã, 24 de novembro de 1984.

21. *Dalle prediche di fra'Gerolamo Savonarola*, Ed. L. Ferretti, em *Memorie Domenicane* XXVII 1910.

versar com alguém. Convencemo-nos imediatamente a nós mesmos de que temos o dever de fazê-lo e que continuar estudando seria trair nossa vocação e nosso dever cristão. Mas se não suportamos esta solidão e este silêncio não poderemos oferecer nada que valha a pena. Na "Carta ao irmão João" se nos diz que "*amemos nossa cela usando-a continuamente se quisermos ser admitidos na adega*"²²; esta era a idéia que um noviço do século treze fazia do paraíso! Muito estudo é, sem dúvidas, inevitavelmente aborrecido. Aprender a ler hebraico ou grego é duro e tedioso. E nos perguntamos com frequência se vale a pena. É precisamente um ato de esperança, este trabalho produzirá seu fruto de uma maneira que agora não podemos nem imaginar.

b) *O estudo e a construção da comunidade na Ordem*

O estudo não só deve abrir nosso coração ao outro mas introduzir-nos em uma comunidade. Estudar é entrar em diálogo com nossos próprios irmãos e com outros seres humanos em nossa busca da verdade que nos fará livres. Alberto Magno escreveu acerca do prazer de buscar juntos a verdade: "*In dulcedine societatis quaerere veritatem*"²³.

Os intelectuais refletem com frequência os valores da nossa sociedade. Grande parte da vida acadêmica se baseia na produção e na competência, como se estivessemos fabricando carros e não buscando a sabedoria. As universidades podem ser como fábricas. Os artigos devem chegar ao limite marcado de produção e os rivais e inimigos devem ser liquidados. Mas não podemos nunca dizer uma palavra animadora sobre Deus a menos que façamos teologia de uma maneira diferente, sem espírito de competição e com reverência. Não se pode fazer teologia sós. Não somente porque hoje ninguém poderia dominar todas as disciplinas mas porque a compreensão da Palavra de Deus é inseparável da construção da comunidade. Grande parte da preparação do Concílio Vaticano II foi elaborada por uma comunidade de frades de "Le Saulchoir", especialmente Congar, Chenu e Ferret, que trabalharam juntos e partilharam suas intuições.

Conta-se uma história de São Tomás: enquanto comia à mesa do rei da França, de súbito deu uma pancada sobre a mesa e gritou: "*A resposta aos maniqueos!*" Isto pode sugerir que não estava prestando muita atenção aos demais convi-

dados, mas também pode significar que a teologia pode ser uma luta. Não podemos nunca construir a comunidade a menos que nos atrevamos a discutir uns com os outros. Devo enfatizar, e muito a miúdo, a importância do debate, dos argumentos e do esforço para chegar a compreender. Mas alguém luta contra seu opositor, como Jacó com o anjo, como para pedir uma bênção. Alguém discute com o opositor porque quer receber o que ele ou ela podem dar-nos. Luta-se para que possa vencer a verdade. Temos de discutir com certa humildade. O outro ou a outra tem sempre algo a ensinar-nos e lutamos com eles para receber este presente.

Uma de minhas mais profundas recordações do ano que passei em Paris, se refere a frei Marie-Dominique Chenu, o mestre que sempre tinha fome de aprender de tudo aquilo que encontrava, inclusive de um jovem e ignorante dominicano inglês! Com frequência, já tarde, à noite, regressava de alguma reunião com bispos, estudantes, sindicalistas, artistas, feliz de contar-te o que havia aprendido e perguntando-te o que tinhas aprendido tu durante esse dia.. O verdadeiro professor é sempre humilde. Jordão de Saxônia dizia que São Domingos compreendia tudo, "*humili cordis intelligen-*

tia"²⁴, mediante a inteligência humilde de seu coração. O coração de carne é humilde, mas o de pedra é impenetrável.

Não é só teologia que se faz nos centros de estudos. É também o momento de iluminação, de intuições novas, quando a Palavra de Deus se encontra com nossa ordinária experiência quotidiana em nosso intento de seres humanos, com nossos erros e pecados, com nosso esforço por construir a comunidade humana e fazer um mundo justo. Todo o mundo da ciência, de peritos biblistas, de sábios patrólogos, de filósofos e de psicólogos aí está para ajudar a que esse diálogo seja fértil e verdadeiro. Há boa teologia quando, por exemplo, o sábio exegeta da Escritura ajuda o irmão comprometido no trabalho pastoral a compreender sua experiência e quando o irmão com experiência pastoral ajuda o exegeta a compreender a Palavra de Deus. A recuperação de nossa tradição teológica exige não só que preparemos mais irmãos nas diversas disciplinas, senão que façamos teologia juntos. Enquanto não construirmos nossas províncias como comunidades teológicas, nossos estudos poderão resultar estéreis e nosso trabalho pastoral superficial. Uma boa parte da obra de São Tomás consistiu em responder a questões dos

22. *De modo Studendi.*

23. *In Libr. VIII Politicorum.*

24. *Libellus 7.*

irmãos, inclusive algumas tolas de parte do mestre da Ordem!

Onde fazemos teologia? Necessitamos de grandes faculdades teológicas e bíblicas. Mas também necessitamos de centros onde se faça teologia em outros contextos, com os que lutam pela justiça, um diálogo com as outras religiões, em bairros pobres e em hospitais. Especificamente neste momento na vida da Igreja, o verdadeiro estudo implica na construção de comunidade entre mulheres e homens. Uma teologia desenvolvida somente a partir da experiência masculina mancará de uma das pernas, respirará com um só pulmão. Por isso necessitamos hoje fazer teologia com a Família Dominicana, escutando cada um as intuições do outro, fazendo uma teologia que seja verdadeiramente humana. Como disse Deus a Santa Catarina de Sena: *"Teria podido fazer os seres humanos de tal maneira que todos tivessem tudo, mas preferi dar a cada um dons diferentes, para que todos tivessem necessidade de todos"*²⁵.

Todas as comunidades humanas são vulneráveis, correm o risco de desaparecer e necessitam reforços constantes. Um dos modos de construir e refazer comunidade juntos é através das palavras que trocamos mutuamente. Como servidores da Palavra de Deus, deveríamos ser profundamente conscientes da força

de nossas palavras, força que pode curar ou ferir, construir ou destruir. Deus pronunciou uma palavra e o mundo começou a existir e agora Deus pronuncia a Palavra que é seu Filho e somos redimidos. Nossas palavras participam dessa força. Em toda nossa educação e estudo deveria ocupar o lugar central uma profunda reverência pela linguagem, uma sensibilidade sobre o que dizemos a nossos irmãos e irmãs. Com nossas palavras podemos provocar ressurreição ou crucifixão e as palavras que pronunciamos são recordadas com frequência, conservam-se no coração de nossos irmãos que refletem sobre elas, voltam a elas durante anos, para o bem ou para o mal. Uma palavra pode matar.

Nosso estudo deveria educar-nos na responsabilidade com respeito às palavras que usamos. Responsabilidade no sentido de que o que dizemos corresponda à verdade, corresponda à realidade. Temos também a responsabilidade de dizer palavras construtoras de comunidade, que eduquem os demais, que curem as feridas e dêem vida. São Paulo escreveu, na prisão, aos filipenses: *"Quanto ao mais, irmãos, tudo quanto há de verdadeiro, de nobre, de justo, de puro, de amável, de honrado, tudo quanto seja virtude e coisa digna de elogio, eis que deve ocupar nossos pensamentos"* (4,8).

c) O estudo e a construção de um Mundo Justo

Nosso mundo tem sido testemunha do triunfo de um único sistema econômico. Fica difícil imaginar uma alternativa. A tentação de nossa geração pode ser a de resignar-nos perante os sofrimentos e injustiças deste tempo e cessar de desejar um mundo novo. Mas nós, pregadores, devemos ser os guardiães da esperança. Foi-nos prometida a liberdade dos filhos de Deus e Deus será fiel à sua Palavra. Em São Sixto há uma pintura de São Domingos estudando, com um cão aos seus pés, que sustenta uma tocha. No fundo outro domini-cano lança fora um cão com um pau. A inscrição nos diz que Domingos não se opunha ao mal com a violência, senão com o estudo. Nosso estudo nos prepara para proclamar a palavra libertadora. Ele o faz ensinando-nos a compaixão, mostrando-nos que Deus está presente inclusive no meio do sofrimento e que é aí onde devemos forjar nossa teologia. Oferece-nos uma disciplina intelectual que abre nossos ouvidos para escutar a Deus que nos chama à liberdade.

Felicíssimo Martínez O.P. descreveu uma vez a espiritualidade dominicana como uma espiritualidade de "olhos abertos". E no Capítulo Geral de Caleruega, Chrys McVey comentou: *"Domingos se comoveu até as lágrimas -*

e a ação - pelos famintos em Palência, pelo estalajadeiro em Tolosa, pela condição inquietante de algumas mulheres em Fanjeaus. Mas isto não basta para explicar suas lágrimas. Estas brotavam da disciplina de uma espiritualidade de olhos abertos que via tudo. A Verdade é o lema da Ordem - não sua defesa (como se entende habitualmente) mas antes sua percepção. E o ter olhos abertos para que não se nos escape nada, pode dar-nos vontade de chorar". Nosso estudo deveria ser uma disciplina de autenticidade que nos abra os olhos. Como disse São Paulo: *"Considera o que está diante de teus olhos"* (2Cor 10,7).

É doloroso ver o que sucede diante de nossos olhos. É mais cômodo ter um coração de pedra. Estive diversas vezes em lugares que desejaria esquecer, as salas de hospital em Ruanda, onde havia jovens com membros amputados, os mendigos nas ruas de Calcutá. Como a visão pode suportar tanta miséria? Uma vez mais devemos obedecer ao mandado de Paulo de constatar a evidência de nossos olhos e ver um mundo torturado. Os livros que lemos devem forçar o nosso coração a se abrir. Franz Kafka escreveu: *"Creio que deveríamos ler somente livros que nos firam e dos despedacem... necessito livros que nos afetem como um desastre, que nos angustiem profundamente como a morte de*

25. "Diálogo, 7.

alguém a quem amamos mais que a nós mesmos, como se fôssemos desterrados a um bosque longe de todos, como um suicídio. Um livro deve ser o machado do mar gelado dentro de nós”²⁶.

Mas não basta limitar-nos a ver esses lugares de sofrimento humano e nos situarmos como turistas perante a crucificação do mundo. Estes são os lugares nos quais se deve fazer teologia. Nestes lugares de Calvário onde se pode encontrar a Deus e descobrir uma nova palavra de esperança. Pensemos em quanta teologia, e da melhor, tem sido escrita na prisão, desde a Carta de São Paulo aos Filipenses e os poemas de São João da Cruz até as cartas de Dietrich Bonhoeffer em um campo de concentração nazista. Somos, disse São João da Cruz, como que delfins que se submergem na negra escuridão do mar para emergir na claridade da luz. Um campo de refugiados em Goma ou uma cama num pavilhão de cancerosos são lugares onde se pode descobrir uma teologia que nos traga esperança.

A Deus não se encontra somente em situações de extrema angústia. Vicente de Couesnongle escreveu: “Não pode haver esperança sem ar fresco, sem oxigênio ou sem uma visão nova. Não pode haver esperança numa atmosfera sufo-

cante”²⁷. Nossa teologia tem sido desde o princípio uma teologia da cidade e das praças públicas. São Domingos enviou seus frades às cidades, aos lugares de idéias novas, onde se experimentavam novas organizações econômicas e a democracia, mas também a lugares onde se reuniam os novos pobres. Será que temos coragem de nos deixar inquietar pelas questões da cidade moderna? Que palavra de esperança pode ser compartilhada com os jovens que se enfrentam com o desemprego pelo resto de suas vidas? Como Deus pode ser descoberto no sofrimento de uma mãe solteira ou de emigrante atemorizado? Também estes são lugares de reflexão teológica. Que temos a dizer a um mundo que se torna estéril pela contaminação ambiental? Será que nos deixaremos questionar pelas posições dos jovens e entraremos nos campos minados de problemas morais como os da ética sexual, ou preferimos estar a salvo de tudo isso?

Assim, pois, devemos ter a coragem de ver o que há diante de nossos olhos; devemos crer que a teologia deve fazer-se onde parece estar Deus mais distante e onde os seres humanos estão tentados pelo desespero. E, evidentemente, como dominicanos, devemos afirmar

uma terceira exigência. Nossas palavras de esperança somente terão autoridade se enraizadas no estudo sério da Palavra de Deus e em uma análise de nossa sociedade contemporânea. Em 1511 Montsesinos pregou seu famoso sermão contra a opressão dos índios e lançou a pergunta: “Estes, não são homens? Não têm uma alma racional? Não estamos obrigados a amá-los como a nós mesmos? Não compreendeis isto? Não está ao vosso alcance?” Montsesinos convidava seus contemporâneos a que abrissem os olhos e olhassem o mundo de maneira diferente. Para captar a realidade não basta a compaixão. Era necessário um estudo árduo para ver através das falsas metodologias dos conquistadores, e essa foi a fonte da atitude profética de Las Casas.

Chenu comentou: “É sumamente sugestivo fixar a atenção no encontro entre a doutrina especulativa deste primeiro grande mestre do Direito Internacional (no momento em que nasciam as nações e se separavam do Sacro Império Romano) e o evangelismo de Las Casas. O teólogo; em Vitória, envolve o profeta”²⁸. Não basta indignar-se diante das injustiças deste mundo. Nossas palavras só

terão autoridade se estiverem enraizadas em avaliações econômicas e políticas sérias sobre as causas da injustiça. Santo Antonio se esforçou para resolver os problemas de uma nova ordem econômica na Florença do Renascimento, assim como neste século Leuret analisou os problemas da nova economia. Se queremos resistir à tentação dos clichês fáceis, necessitaremos de irmãos e de irmãs formados em análises científicas, sociais, políticas e econômicas.

A construção de uma sociedade justa requer apenas uma equitativa distribuição da riqueza. Necessitamos construir uma sociedade na qual todos possamos nos desenvolver como seres humanos. Nosso mundo tem-se reduzido a um deserto pelo triunfo do consumismo. A pobreza cultural desta percepção dominante da pessoa humana está causando estragos no mundo inteiro e “quando não há visões o povo se relaxa” (Pr 29,18)²⁹. Há fome não só de alimentos, como também de sentido. Como disse o Capítulo de Oakland: “Falar verazmente é um ato de justiça” (109). São Basílio Magno disse que se temos roupa demais, ela pertence aos pobres. Um dos tesouros que possuímos e

26. Carta a Oskar Pollak, 27 de janeiro de 1904.

27. A coragem do futuro, cap. 8.

28. M-D Chenu, “Prophètes et Théologiens dans l’Eglise, Parole de Dieu”, em *La Parole de Dieu* II.

29. Cf o hino nacional da Jamaica.

que nossos centros de estudos deveriam preservar e repartir são a poesia, as histórias do nosso povo, a música e a sabedoria tradicional: tudo isto é uma riqueza para a construção de um mundo humano.

Ser profeta não é uma desculpa para não estudar as Escrituras. Meditamos a Palavra de Deus buscando conhecer melhor sua vontade do que para ter a evidência de que Deus está do nosso lado. É fácil usar as Escrituras como fonte para slogans fáceis, mas o estudo da Palavra de Deus é a procura da liberdade mais profunda que nunca poderíamos imaginar. Através da disciplina do estudo tentamos captar o eco de uma voz que nos chama a uma liberdade inefável, a que é própria de Deus. Quando Lagrange enfrentou os problemas suscitados pelo moderno criticismo histórico citou as palavras de São Jerônimo: "*Sciens et prudens, manum misi in ignem*" (sabendo e prudentemente pus minha mão no fogo)³⁰. Sabendo que lhe custaria dor e sofrimento, pôs a mão no fogo. A dedicação de Lagrange às novas disciplinas intelectuais de seu tempo foi uma real amostra da confiança de que a Palavra de Deus se mostraria como a palavra verdadeiramente libertadora, e que necessitamos não ter medo de passar pelo caminho da dúvida e dos questionamentos. Ele submeteu

a Palavra de Deus a rigorosas análises porque estava seguro de que se mostraria como a palavra que não pode nunca ser dominada. Será que nos atrevemos a compartilhar sua valentia? Nós nos atrevemos a pôr a mão no fogo ou preferimos não ser incomodados?

O DOM DE UM FUTURO

"Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo, e o Senhor Deus lhe dará o trono de Davi, seu pai; reinará sobre a casa de Jacó pelos séculos e seu reino não terá fim. Maria respondeu ao anjo: como será isto, posto que não conheço varão?" (Lucas 1,32-34).

Como pode ser isto? Como pode uma virgem dar à luz um menino? Como pode uma mulher desta pequena e insignificante colônia do Império Romano dar à luz o Salvador do mundo? Como poderia ter suspeitado que a história deste povo contivesse uma semente de tão grande futuro? Faz dois mil anos, parecia que a linhagem de Davi havia fracassado, mas de maneira inesperada se lhe deu um filho para sentar em seu trono.

Muitos de nossos estudos se referem ao passado. Estudamos a história do povo de Israel, a evolução da Bíblia, a história da Igreja, da Ordem e inclusive da filoso-

fia. Aproveitamos do passado. É fundamental para o estudo ter memória. Mas não é ela que nos faz conhecer muitos fatos. Estudamos o passado para descobrir as sementes de um futuro incrível. Como uma virgem ou uma mulher estéril fica grávida, assim nosso mundo aparentemente estéril resulta grávido de possibilidades nunca sonhadas: o Reino de Deus.

"A história faz mais do que qualquer outra disciplina para libertar a inteligência da tirania da opinião presente"³¹. A história nos demonstra que as coisas não têm que ser o que são, e esta história pode abrir-nos a um futuro inesperado. Descobrimos, com palavras de Congar, que não existe apenas a Tradição, mas também uma multidão de tradições que nos oferecem riquezas que nunca havíamos sonhado. O Concílio Vaticano II significou um novo começo, porque nos tornou a contar o passado. Levou-nos para atrás, para antes das divisões da Reforma, antes da Idade Média, para voltar a descobrir o sentido de Igreja prévio às divisões de leste e oeste. Foi como um memorial que nos libertou para emprendermos novas coisas.

A história nos introduz numa comunidade mais ampla do que a

atual. Damos-nos conta de que somos membros da comunidade dos santos e da de nossos antepassados. Também eles têm voz em nossas deliberações. Usamos seu testemunho como teste de nossas percepções e eles nos convidam a ter uma visão mais ampla da que poderíamos encontrar dentro dos estreitos limites de nosso próprio tempo.

Voltar a contar a história nos livra não só das opiniões do mundo atual mas também dos "príncipes deste mundo" (1Cor 2,8). A história se conta normalmente a partir do ponto de vista do vencedor, do forte, dos que constroem impérios, e a história que eles contam os reafirmam em seu poder. Devemos aprender a contar a história a partir de outros pontos de vista, a partir dos pequenos e esquecidos, e esta história nos libertará. Por isso recordar é um ato religioso, o ato religioso primordial das tradições judaica e cristã. Quando nos reunimos para orar "recordamos as maravilhas que Deus realizou" (Sl 105,5).

Finalmente voltamos para atrás recordando um povo pequeno e aparentemente insignificante, o povo de Israel. Não contamos a história a partir do ponto de vista dos grandes impérios, dos egípcios ou dos assírios, dos persas, dos

30. *Ibid.*, p. 84.

31. Owen Chadwick, *Origins*, p. 85.

gregos ou dos romanos, e sim de um povo minúsculo, cuja história apenas se registrava nos livros dos grandes e poderosos, mas levava em si mesma o nascimento do Filho do Altíssimo. E a história na qual nos descobrimos a nós mesmos é finalmente a de uma virgem que escuta a mensagem do anjo e de um homem que foi pregado numa cruz, num mar de cruces, um homem cuja história foi um fracasso. Esta é a história que recordamos na Eucaristia. Nesta história aprendemos a narrar a história da humanidade e é uma história que não termina com a cruz.

Será que nos atrevemos a narrar com coragem a história da Igreja e inclusive a da Ordem? Será que nos atrevemos a narrar uma história da Igreja libertada de todo triunfalismo e arrogância, que reconhece os momentos de divisão e de pecado? Certamente que a boa nova, o fundamento de nossa esperança, é o fato de Deus ter aceito como seu precisamente este povo falível e batalhador. Do mesmo modo, quando aprendemos a história dominicana contam-nos as glórias do passado. Atrevemo-nos a contar os fracassos, os conflitos? O arquivista anterior da Ordem, Emílio Panella O.P., escreveu um estudo³² do que as crônicas não

dizem e do que omitem. Esta história nos dá finalmente mais esperança e confiança desde que Deus trabalha sempre com *‘vasos de barro para que apareça que a extraordinária grandeza do poder é de Deus e não vem de nós’* (2Cor 4,7). Inclusive pode conseguir algo graças a nós mesmos. No Capítulo Geral do México nos arriscamos a recordar o quinto centenário de nossa chegada às Américas. Recordamos não somente as grandes façanhas de nossos irmãos, de Las Casas e de Montesinos, como também os silêncios e fracassos de outros. Mas todos eles são nossos irmãos. Por cima ou acima de tudo recordamos os que foram reduzidos ao silêncio, ao desaparecimento. E os recordamos como esperança de um mundo mais justo.

Há memórias fáceis de suportar, a de Dachau e Auschwitz, de Hiroshima e o bombardeio de Dresden. Há ações tão terríveis que preferiremos esquecer. Que história se poderia narrar capaz de agüentar todos esses sofrimentos? Ainda assim, em Auschwitz, o monumento aos caídos diz: *“Ó, terra, não cubras seu sangue”*. talvez somente ousemos recordar e narrar o passado com fidelidade se recordamos o único que abraçou sua morte, que se entregou a

si mesmo a seus traidores, que fez de sua paixão um dom e uma comunhão. Recordando isto nos atrevemos a esperar. Podemos saber que *“afinal de contas a história não mente nas mãos do verdugo. O morto pode ser nomeado; o passado deve ser conhecido. Neste nomear e saber há que encontrar a Deus e em Deus está a possibilidade de um mundo diferente, de uma concepção diferente do poder, de uma voz para o mundo”*³³. *“Que não fique esquecido o pobre eternamente, não se perde para sempre a esperança dos infelizes”* (Sl 9,18).

São Domingos caminhava pelo campo cantando, não precisamente porque era valente, nem porque era de temperamento alegre. Anos de estudo lhe haviam dado um

coração formado para esperar. Estudemos para poder compartilhar de sua alegria.

“A história diz: *não esperes do lado de cá do túmulo*. Mas depois pode surgir ao longo da vida a tão ansiada marulhada da justiça, e a esperança e a história formam de novo uma rima.

Assim, pois, espera uma mudança grande do mar a partir da outra margem da vingança. Confia em que inclusive a partir deste lado se pode alcançar a outra praia”³⁴.

Frei Thimoty Radcliffe, O.P. é o 85º Mestre da Ordem dos Pregadores (dominicanos), eleito pelo Capítulo Geral do México a 31/07/92

32. *Lo que la crónica conventual no cuenta*, em *Memorie Domenicane* 18 (1987), pp. 227-235.

33. Rowan Williams, *Open Judgement*, Londres 1994, p. 242.

34. Seamus Heaney, *The Cure at Troy: version os Sophocless Philocpetes*, Londres 1990.